



Silvia Maria Louzã Naccache

Desafios e oportunidades para o voluntariado em 2019

Os desafios para 2019 não são poucos e nem fáceis e as pesquisas comprovam: os brasileiros estão menos solidários! A longa crise política e econômica que o país atravessa afetou negativamente as atitudes solidárias dos brasileiros. Somou-se a isso uma falta de confiança em relação ao futuro, uma sensação de impotência e desesperança, provocando um desânimo e falta de vontade de participar e contribuir para construir coletivamente uma sociedade melhor.

Os brasileiros estão mais individualistas e focados em seus próprios problemas e o Índice de Solidariedade de 2018 mostrou e comprovou! O World Giving Index ou Índice de Solidariedade é uma pesquisa anual, realizada desde 2009, pelo Instituto Gallup com mais de 150 mil pessoas entrevistadas e 146 países participantes. Cobre cerca de 95% da população do mundo (5,2 bilhões de pessoas).

No Brasil as entrevistas foram presenciais, e aconteceram entre maio e junho de 2017, e foram entrevistadas pessoas a partir dos 15 anos de idade. Uma pesquisa que avalia o ranking global de solidariedade segundo três tipos de doação: ajuda a um desconhecido; doação de dinheiro e doação de tempo. O ranking de solidariedade é resultado da média simples das respostas às essas perguntas. No último mês você ofereceu... ajuda a um desconhecido? contribuição financeira para organizações da sociedade civil? Doação de tempo como voluntário para uma organização? O Brasil despencou da posição 75 para a 122 no ranking. Em porcentagem da população entrevistada 43% ajudou a um desconhecido (54% em 2016); 14% doou dinheiro (21% em 2016) e 13% fez trabalho voluntário (20% em 2016). No voluntariado ainda estamos entre os 10 primeiros colocados em população total (21 milhões de voluntários), ocupando a sétima posição (estivemos em quinto lugar com 33 milhões de voluntários em 2016).

Silvia Maria Louzã Naccache

Temos ainda alguns outros desafios para enfrentar: consolidar a vocação transformadora do voluntariado por meio de práticas contínuas e permanentes, com indicadores, metas e resultados quantitativos e qualitativos. Também conscientizar que o cenário não é necessariamente feliz, que não é simples; que não é fácil, que apesar da emoção e bem estar que ele promove é necessário e fundamental o comprometimento e responsabilidade. Temos pré-conceitos e paradigmas para quebrar: “voluntariado é sacrifício”, “em voluntariado tudo é de graça” e “basta boa vontade”.



E talvez o maior de todos, a gestão eficiente em organizações da sociedade civil e espaços e projetos que recebem voluntários. Temos uma carência de programas organizados, vagas e oportunidade de trabalho voluntário bem definidos, orçamentos, liderança, comunicação e ferramentas de gerenciamento. Estratégias de ações de reconhecimento e de valorização do trabalho dos voluntários e o compartilhamento de resultados. Tudo isso adaptado aos novos modelos de atuação e às diferentes expectativas das pessoas de diferentes gerações através de ações mais criativas, variadas e inovadoras.

Mas não só de desafios e desafetos vive o Voluntariado neste final de mais uma década do novo milênio: tendências tem atraído jovens como o voluntariado digital, online ou à distância. O reconhecimento do voluntariado como uma ferramenta estratégica para o desenvolvimento de habilidades e competências. As férias voluntárias e o “volunturismo”.

Silvia Maria Louzã Naccache

A tecnologia nos conectou com agendas que vão além das do entorno, das agendas locais ou do nosso país tais como a Garantia dos Direitos Humanos, Estatuto do Idoso, Estatuto de Defesa da Criança e do Adolescente, Prevenção e Diagnóstico Precoce de Doenças, Promoção da Saúde, Bem Estar e Qualidade de Vida, Inclusão, Igualdade de Gênero, Empregabilidade, direitos LGBTQ+, etc.

Temos hoje uma grande chamada que certamente é a grande oportunidade de virada nesse panorama do voluntariado no Brasil: a Agenda do Planeta, nossa Agenda para 2030 dos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS).

Os ODS são uma excelente oportunidade para cada um de nós cidadãos participarmos na construção de um planeta melhor, para cada um de nós aqui e agora e para as gerações futuras, por criarem um ambiente político favorável à defesa das causas das organizações, que muitas vezes encontram dificuldade de serem reconhecidas na sociedade, e que, agora, podem ser apresentadas a partir de uma nova perspectiva, ampla e global. E ainda os ODS trazem consigo prazos, indicadores e metas concretas. São mais de 160 indicadores e mais de 300 metas e a chamada é: não deixar ninguém para trás. É uma agenda de cooperação, participação cidadã e colaboração com organizações, empresas, governos, voluntários e demais parceiros.



De acordo com o pesquisador americano Martin Nowak, a gentileza e a solidariedade só se espalham pela sociedade quando os mecanismos que permitem essa disseminação são fortes o suficiente. Por exemplo, se o indivíduo que ajuda o próximo ganhar uma reputação boa o bastante para que outros decidam ajudá-lo, então, a gentileza se espalhará naquele grupo. "Se esse mecanismo não for forte o suficiente, a cooperação vai

Silvia Maria Louzã Naccache

perder e a indiferença vai ganhar", diz o pesquisador. Vocês se lembram do poder dos vídeos que em 2014 celebridades e anônimos viravam baldes de água com gelo sobre as próprias cabeças inundaram as redes sociais.



A campanha, que buscava incentivar doações para pesquisas sobre esclerose lateral amiotrófica, se espalhou por vários países como uma onda de boa ação e contribuiu para descobertas científicas importantes. Esse sucesso do "desafio do balde de gelo" é um exemplo de como a generosidade pode ser contagiosa. Que venha uma onda forte de solidariedade em 2019! Que o Voluntariado venha com força total, contagiando e influenciando como uma tendência que veio para ficar!